

COLÔNIA MILITAR DO OIAPOQUE

Maj Inf JOSÉ FIGUEIREDO DE ALBUQUERQUE
Do EM do CMA e 8ª RM

1. Lá no distante norte, às margens do tranqüilo rio OIAPOQUE onde o BRASIL começa, vive uma organização militar de fronteira: a COLÔNIA MILITAR DO OIAPOQUE (1ª/3º B Fron).

Recente inspeção realizada pelo EM do CMA e 8ª RM levou-nos a apresentar algumas imagens fixadas naquele longínquo rincão.

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

Destaque do Território Federal do Amapá
no mapa do Brasil



O atual Território Federal do AMAPÁ foi durante muitos anos reivindicado pela FRANÇA, que desde a sua expulsão do MARANHÃO se fixara na atual Guiana Francesa. A pendência durou séculos, e os portugueses empenharam-se por todos os meios para conservar o domínio da embocadura do Rio AMAZONAS; já na República, a questão foi submetida ao arbitramento do Presidente do CONSELHO FEDERAL DA SUÍÇA e, mercê dos eruditos estudos históricos e geográficos do Barão do RIO BRANCO, em 1900, o BRASIL obteve ganho de causa, tendo fixado o limite N no rio OIAPOQUE

e não no ARAGUARI, bem mais ao S, como desejavam os franceses.

Os primeiros passos vacilantes da República não permitiram a posse efetiva do território com a sua humanização; os franceses, antes de 1920 criaram uma pequena vila, — SAINT GEORGE — em um lugar distante uns 65 Km da foz do OIAPOQUE para marcar a sua presença, e fê-la habitar por negros oriundos das suas possessões nas ANTILHAS, particularmente de MARTINICA.

O Governo do BRASIL, atento ao problema, fêz deslocar da guarnição do Exército em BELÉM um Destacamento de tropa e sediou-o em frente a SAINT GEORGE, num lugar a que denominou SANTO ANTÔNIO DO OIAPOQUE; em seguida, atribuiu ao MINISTÉRIO DA AGRICULTURA o encargo de implantar uma colônia agrícola na margem do rio OIAPOQUE, o que foi feito a cerca de 8 Km a montante de SANTO ANTÔNIO, isto por volta de 1921.

A COLÔNIA AGRÍCOLA DO OIAPOQUE teve os seus primeiros passos marcados por grande entusiasmo; o terreno era relativamente plano, igarapés de águas limpas, abundantes madeiras de lei, solos favoráveis à agricultura, enfim, bons requisitos para um promissor desenvolvimento agrícola; após terem sido feitas as primeiras construções para a administração, depósitos, oficinas, e terem sido demarcados os lotes para os primeiros colonos, o Governo Federal, a braços com problemas políticos, encontrou nessas paragens o local ideal para segregar os adversários; destarte, os planos agrícolas foram substituídos, cedendo lugar a um estabelecimento penal, que chegou ao máximo no Governo ARTHUR BERNARDES (1922/26) quando a Colônia abrigou um milhar de presos, entre políticos e criminosos comuns. Por essa época a mata foi desbastada e ampliada a área para construções. Contam moradores do lugar que o ambiente era de verdadeiro terror; a fuga era praticamente impossível; para o Sul a floresta desconhecida cheia de perigos; para o Norte os franceses atentos que recambiavam os que tentavam buscar abrigo na Guiana. Um fato incontestado é o cemitério local povoado de cruzes...

Nôvo Governo, anistia, os políticos de volta às lides de seu ofício; alguns detentos, mesmo com a pena terminada ficaram por lá e não podendo construir barracas na área da Colônia foram se fixar a meio caminho entre CLEVELÂNDIA e SANTO ANTÔNIO, fundando uma vila que veio a ser a sede do atual município de OIAPOQUE; durante muitos anos a vila era conhecida por MARTÍNICA por ser esta a alcunha do seu primeiro morador.

Em 1940 o Destacamento de SANTO ANTÔNIO passou a constituir um Pelotão Independente com sede em CLEVELÂNDIA e assim permaneceu até 1942 quando foi elevado a Cia. Independente.

Com a guerra de 1939/45, as necessidades de segurança e vigilância fizeram ser criado o 3º Batalhão de Fronteira, com sede em CLEVELÂNDIA (1942); após a guerra (1946) o Batalhão teve seu efetivo reduzido para Cia Fron, situação que perdura até hoje.

Em 1961 a atual política para as Unidades de Fronteira transformou CLEVELÂNDIA em COLÔNIA MILITAR, reminiscência atualizada do antigo método de colonização dos Jesuítas, que tão relevantes frutos deram no Sul do país.

Dentro dessa nova orientação, estabelecendo condições capazes de atrair e fixar colonos nacionais para humanizar e desenvolver a área, várias entidades sediadas na Amazônia participaram do empreendimento, como o Instituto de Pesquisas Agronômicas do Norte (IPEAN) a Superintendência do Plano a Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), o Território Federal do AMAPÁ (TFA), cada um dentro de sua especialidade, financiando, saneando, estudando e indicando solos e culturas adequadas à Colônia.

3. A COLÔNIA

Desde a sua criação a Colônia vem progredindo lentamente. Tem uma área de 20 Km de frente, sobre o RIO OIAPOQUE, por 5 Km de profundidade, limitada na largura por dois acidentes naturais, o rio PANTANARY e o rio CRICOU; o clima é tropical superúmido com duas estações características: o inverno, longo e muito chuvoso e o verão (SET-NOV) menos chuvoso; não obstante, a proximidade do Oceano ameniza o clima com brisas frescas que o tornam agradável. O rio OIAPOQUE é de uma beleza poética, manso, profundo de uns 4m, oferecendo margem de fácil acesso (no lado do BRASIL) e com um talvez sinuoso que exige a habilidade de um prático para navegá-lo; além disso é bastante piscoso, principalmente longe do bulício da atividade da Colônia. Um pouco a montante da sede, o rio se aperta entre as margens e um leito pedregoso faz uma corredeira a que chamam de Cachoeira e que é o local mais procurado para banho e recreação.

A região está saneada e são raros os casos de malária e outras febres tropicais.

No momento vivem na COLÔNIA cerca de 1.200 pessoas das quais 600 menores de 13 anos o que logo sugere o problema de educação, saúde, recreação e orientação.

O efetivo Militar é composto de indivíduos da Amazônia, afeitos às condições geográficas e climáticas, profundos conhecedores dos segredos da floresta e dos rios; são regidos por legislação especial que lhes permite constituir família e engagements sucessivos até a idade limite.

A vida é árdua e penosa pelas múltiplas atividades que o desenvolvimento da Colônia exige; praticamente cada soldado é um especialista, existindo inclusive funções ainda não consignadas na sistemática das qualificações militares, como caçadores, pescadores, apicultores, técnicos em enxertos de seringueira, mestre de casa de farinha, e muitas outras.

O Comando é assaz difícil; o Cmt é juiz, mestre, administrador, homem de empresa, diplomata, e sobretudo Soldado.

Os contatos com os franceses são amistosos e fraternos com encontros sociais e esportivos. Quando necessário o médico brasileiro atende a doentes franceses e vice-versa.

É interessante notar um certo orgulho nacional generalizado, que se traduz num desejo de auto-suficiência e desinteresse em aprender o idioma francês. É um espetáculo empolgante de vibração cívica a recepção às Corvetas de Flotilha do Amazonas quando incursionam pelo rio OIAPOQUE; para SANTO ANTÔNIO, onde elas fundeiam, convergem numerosos habitantes de OIAPOQUE e CLEVELÂNDIA para festejar os marujos; a Flotilha do Amazonas in-

clui no seu programa de Adestramento a navegação no OIAPOQUE e coopera com o CMA no transporte de cargas pesadas.

Existe uma infra-estrutura de empresa agrícola em desenvolvimento, com serraria, fábrica de farinha, olaria mecanizada, aviário, pocilga, estábulos, padaria, usina elétrica, posto médico, escola, armazém, frigorífico, depósitos, horta, extensas plantações de mandioca e cerca de 35.000 seringueiras selecionadas, no seu 2º ano de vida. Além disso existe uma escola construída pelo Território Federal do AMAPÁ, igreja, clube, o aquartelamento e as residências para Oficiais, Sargentos, Cabos e Soldados.

Sensibiliza o visitante a cerimônia diária de hasteamento e arriamento do pavilhão Nacional quando todos os habitantes, militares, mulheres e crianças permanecem em atitude de profundo respeito numa demonstração natural e espontânea de autêntico patriotismo.

É problema de relêvo para o desenvolvimento da Colônia, a dificuldade de transporte, feito exclusivamente por meio de embarcação ou aviões.

Para atenuar essa dificuldade a Colônia dispõe de um barco-motor de 60 Ton., a FAB (Correio Aéreo Nacional) e a Cruzeiro do Sul realizam um voo semanal até o OIAPOQUE onde existe pequeno campo de pouso.

No seu planejamento, dentro de 6 anos a Colônia receberá os seus primeiros colonos, famílias selecionadas que receberão 5 hectares de cultura permanentes (seringueiras, dendê, pimenta do reino ou cumaru) que lhes assegurarão boas condições de vida e permitirão a prática de uma agricultura de subsistência em 20 hectares adicionais.

A par do desenvolvimento agrícola, está em curso a criação de búfalos e bovinos na fazenda de UAÇA, a uns 80 Km para o interior, em terreno adequado, com boas pastagens naturais e cuidadoso controle zootécnico; essa criação permitirá o suprimento de carne, leite e derivados à Colônia e é o ponto de partida para a disseminação do bubalino no extremo Norte.

4. PERSPECTIVAS:

Embora seja admirável a obra já realizada, nota-se que ela ainda está em esboço. Dificuldades de toda ordem emperram o seu progresso, desde a pequena permanência dos elementos de direção, ao atraso ou redução das verbas que lhe devem impulsionar o desenvolvimento.

A COLÔNIA MILITAR DO OIAPOQUE é uma experiência de grande importância para a posse efetiva da fronteira amazônica. Além

dos aspectos geopolíticos e militares que a sua posição encerra, a Colônia é um problema econômico; faz-se mister que os investimentos programados sejam efetivados e os planos de desenvolvimento sejam cumpridos; por outro lado, é necessário que o pessoal militar tenha maiores condições de atração, para compensar o isolamento social, o perigo de endemias que marcam para o resto da vida, o desconforto, a carência de recursos e facilidades em assistência médico-hospitalar, educação e higiene mental.

No momento em que se avoluma no norte do país um movimento de opinião sob o tema "AMAZÔNIA É BRASIL" e que objetiva chamar a atenção do poder público para a situação de penúria em que vivem as populações da amazônia imensa, cabe lembrar a quantos possam influir na solução do problema, que soldados anônimos e suas famílias vivem uma vida de verdadeiro sacrifício à espera de que as autoridades competentes lhes eleve o padrão de vida, e assim, o orgulho de serem "Sentinelas do BRASIL" tenha o horizonte de um futuro melhor.

Obs: O Decreto n. 54.507 de 20 Out 64 (DO de 21 Out 64) denomina de COLÔNIA MILITAR DO OIAPOQUE a antiga Colônia MILITAR DE CLEVELANDIA.

